

DOSSIÊ
**TRAJETÓRIAS CONVERGENTES:
CARDOSO DE OLIVEIRA E MAYBURY-LEWIS**

Roque de Barros Laraia

No espaço de pouco mais de um ano, a Antropologia perdeu dois importantes pesquisadores: Roberto Cardoso de Oliveira, que faleceu em Brasília em 21 de julho de 2006, e David Maybury-Lewis, que morreu em Cambridge (USA) em 2 de dezembro de 2007. O leitor pode perguntar qual é a relação entre essas duas mortes, o que tem um a ver com outro, dois antropólogos de diferentes nacionalidades? Eu poderia simplesmente responder que ambos foram importantes para a minha formação acadêmica. Roberto Cardoso de Oliveira foi, de fato, o meu primeiro professor de antropologia e contribuiu fortemente para a minha inserção profissional. David Maybury-Lewis ampliou o meu conhecimento científico ao me convidar para participar de sua pesquisa entre os índios Xerente (1963) e para ser pesquisador associado no Laboratory of Social Relations da Universidade de Harvard (1965-1966). E poderia acrescentar, ainda, o fato de que ambos foram meus amigos. Mas neste artigo, que faz parte de um ritual acadêmico de homenagem aos nossos mortos, eu os coloco juntos porque os caprichos do acaso, do destino, ou seja o que for, entrelaçaram as suas vidas profissionais apesar de suas origens tão diversas. E, também, pelo fato de que ambos foram importantes para a antropologia brasileira.

Roberto Cardoso de Oliveira nasceu em 11 de junho de 1928, em São Joaquim da Barra, estado de São Paulo. Seu pai era um cafeicultor que não resistiu à crise de 1929. Assim, ele foi criado por sua mãe e seu avô materno em São Paulo.

David Henry Peter Maybury-Lewis nasceu em 5 de maio de 1929, em Hyderabad, no território que hoje é o Paquistão, tendo sido socializado simultaneamente em inglês e em urdu, o que explica a sua grande facilidade para aprender idiomas.¹ Seu pai era um engenheiro civil a serviço do Império Britânico. Aos sete anos foi definitivamente para a Inglaterra para iniciar os seus estudos formais. Coursou a Universidade de Cambridge, onde se formou em línguas (espanhol e russo).

Com o domínio do espanhol, tomou conhecimento dos massacres dos índios sul-americanos, ocorridos no período colonial, o que o levou a se

interessar pela etnologia. A sua decisão de vir para o Brasil resultou de um encontro, em Cambridge, com Herbert Baldus, então professor de antropologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Dois anos depois desse encontro, conseguiu um lugar de professor de inglês na Cultura Inglesa, em São Paulo, e a primeira coisa que fez foi procurar Baldus.

Nos dois anos seguintes, foi aluno de Baldus, tendo obtido o grau de mestre em antropologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. O seu trabalho de campo foi realizado entre os índios Xerente, na região de Tocantinia, que ele considerou uma etapa preparatória para a sua pesquisa de doutorado entre os Xavante.

Em 1953, Roberto Cardoso de Oliveira, recém-formado em filosofia, encontrou Darcy Ribeiro, quando este proferia uma conferência no auditório da Biblioteca Municipal de São Paulo. Logo depois, Darcy o convidou para trabalhar na Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios, localizada no Rio de Janeiro. Foi assim que o jovem filósofo se transformou em etnólogo, repetindo a mutação que, cerca de vinte anos antes, tinha ocorrido com um jovem professor francês de filosofia, Lévi-Strauss.

Foi nessa época que Roberto iniciou a sua pesquisa entre os índios Têrena. Foi também quando os dois se encontraram: "Nos encontramos pela primeira vez no Museu do Índio, em 1953. O ano em que eu estava começando a minha pesquisa entre os Têrena. Estávamos começando as nossas carreiras como etnólogos praticamente na mesma idade" (Corrêa 1991:338). Nos anos que se seguiram, os dois jovens estiveram fortemente empenhados em construir as suas carreiras como antropólogos.

Em 1958 David, juntamente com Pia (sua esposa e companheira de toda a vida), além de seu primogênito ainda um bebê, iniciou a sua pesquisa entre os Xavante. Foi um trabalho de campo árduo, que exigiu muita persistência por parte do casal e quase custou a vida de seu pequeno filho. Em 1960, defendeu a sua tese de doutoramento na Universidade de Oxford, sob a orientação de Rodney Needham, um dos mais eminentes antropólogos britânicos, tese esta que foi publicada em 1965, pela Clarendon Press, sob o título *Akwẽ-Shavante Society*. A Livraria Francisco Alves publicou a tradução da mesma, em 1984. Trata-se, sem dúvida, de uma das melhores monografias sobre um grupo indígena brasileiro.

No mesmo ano em que defendeu a sua tese de doutorado, David foi admitido na Faculdade de Artes e Ciências da Universidade de Harvard como instrutor em antropologia, tornando-se um professor assistente em 1961.

Enquanto isso, sob condições acadêmicas mais adversas, em um país perturbado por muitas crises políticas que resultaram no golpe militar de 1964, Roberto realizou a sua pesquisa de campo entre os Têrena, cujos pri-

meiros resultados foram publicados em seu livro *O processo de assimilação dos Terena* (1960). Logo a seguir, iniciou uma pesquisa de campo entre os Tikuna, no Alto Solimões. Nesse ínterim, participou como professor de dois cursos organizados por Darcy Ribeiro: o 2º Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural, no Museu do Índio, em 1956, e o Curso de Aperfeiçoamento de Pesquisadores Sociais, realizado no Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional.

Em 1959, com uma mudança na presidência do Serviço de Proteção aos Índios, Darcy Ribeiro, Eduardo Galvão e Roberto Cardoso de Oliveira se demitiram. Darcy transferiu-se para o Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional; Eduardo Galvão para o Museu Paraense Emílio Goeldi; e Roberto Cardoso de Oliveira aceitou o convite de Luiz de Castro Faria para integrar o quadro do Departamento de Antropologia do Museu Nacional.

Em 1960, Roberto tomou a iniciativa de organizar um curso de Antropologia Social, em nível de pós-graduação (*lato sensu*), tendo obtido os recursos financeiros junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil. Em fevereiro de 1960, realizou-se a seleção da primeira turma. Foram admitidos seis estudantes que, na qualidade de bolsistas, cumpriram, em regime de tempo integral, um pesado programa acadêmico de dez meses de duração, três dos quais dedicados a um trabalho de campo junto aos índios Terêna. Esse curso repetiu-se em 1961 e 1962.²

Em 1961, nossos dois amigos voltaram a se encontrar. Juntos criam um ambicioso programa de pesquisa: o Harvard-Central Brazil Research Project, no âmbito de um convênio entre o Museu Nacional e a Universidade de Harvard, que contou com o apoio da Fundação Ford e da Wenner Gren Foundation. Tratava-se de uma junção de dois projetos originais de Roberto Cardoso de Oliveira — “Estudos de Áreas de Fricção Interétnicas” e “Estudos Comparativos da Organização Social de Grupos Indígenas Brasileiros” — que incluíam pesquisas de Roberto DaMatta (sobre Gaviões e Apinayé), Júlio Cezar Melatti (Krahó), Roque de Barros Laraia (Suruí e Akwáwa-Asurini), Marcos Magalhães Rubinger (Maxacali) e Paulo Marcos Amorim (Potiguara), todos ex-alunos de Roberto. Pelo lado americano, após as suas pesquisas iniciais entre Xerente e Xavante, David interessou-se pelo estudo das organizações dualistas dos índios Jê do Brasil Central, tendo mobilizado os seus alunos de Harvard: Terence Turner e Joan Bamberger (Kayapó), Jean Carter e Dolores Newton (Krikрати), John Christopher Crocker (Bororo).³

No início de 1966, David organizou um seminário em Cambridge sobre os estudos comparativos realizados entre os índios Jê. Segundo Roberto, foi logo após esse seminário que ele decidiu criar um programa de pós-graduação em antropologia social no Museu Nacional. “A idéia original era a

proposta apresentada à Fundação Ford para um projeto de pesquisa a ser realizado nas regiões Nordeste e Centro-Oeste. Este projeto foi transformado mais tarde em um treinamento de antropólogos, em nível pós-graduado. Quando o projeto foi finalmente aprovado, isto coincidiu com o Ato Institucional nº 5 de 1968, que praticamente extinguiu o que existia de instituições democráticas" (Corrêa 1991:339).

De fato, o projeto sobre as regiões Nordeste e Centro-Oeste concretizou-se durante a implantação do programa de pós-graduação. Novamente os dois amigos estavam juntos. David liderou pessoalmente a equipe que foi trabalhar no Nordeste. Estabeleceu-se em Recife, onde criou laços duradouros com os cientistas sociais locais. Um deles, Heraldo Souto Maior, foi convidado para ser pesquisador associado em Harvard. Roberto, envolvido com suas atividades administrativas no Museu Nacional e com a conclusão de sua tese de doutoramento, defendida na USP em 1968, designou a antropóloga Francisca Izabel Schurig Vieira para coordenar a equipe que trabalhou no Brasil Central.

Entre as grandes realizações de Roberto, a criação do PPGAS do Museu Nacional sempre é mencionada. Mas isto somente foi possível, em um momento tão difícil para o mundo acadêmico brasileiro, graças ao forte apoio da Fundação Ford. Sem dúvida, David teve um papel determinante na obtenção desse patrocínio. Além disto, David foi um dos primeiros professores visitantes do Programa. É importante mencionar que este foi o primeiro programa de pós-graduação em antropologia criado de acordo com as normas da Portaria Sucupira, de 1967, que estabeleceu novas regras para a pós-graduação no Brasil.

Os anos 1960 foram decisivos para o desenvolvimento da carreira acadêmica de ambos. Mesmo antes de ter terminado a sua tese de doutoramento, David atraiu a atenção da comunidade antropológica internacional com a publicação de seu artigo "The analysis of dual organizations: a methodological critique" (1960), no qual criticava o trabalho de Claude Lévi-Strauss, "Les organizations dualistes existent-elles?" (1956). Lévi-Strauss, o nome mais importante da antropologia francesa, tratou de responder imediatamente com o artigo "On manipulated sociological models", publicado na mesma edição da revista *Bijdragen tot de taal-, Land en Volkenkunde*, Deel 116, 1960. Todos os cientistas sociais da América do Norte e da Europa perguntavam: quem é esse jovem tão atrevido que desafia uma grande sumidade e inicia o seu artigo petulantemente? "Minha crítica visa demonstrar, a partir de fundamentos etnográficos e metodológicos, o que aparenta ser o ponto fraco de sua análise" (Maybury-Lewis 1960:2).

Em seu artigo de 1956, acima mencionado, Lévi-Strauss utilizou-se de uma monografia sobre os Apinayé, elaborada vinte anos antes por Curt

Nimuendaju, que atribuiu a um sistema de metades rituais um papel exogâmico, criando uma impressão de anomalia, o que motivou a crítica de Maybury-Lewis. O esclarecimento definitivo desta questão somente ocorreu com a conclusão da tese de doutoramento de Roberto DaMatta, realizada na Universidade de Harvard sob a orientação de David Maybury-Lewis.

Cinco anos mais tarde, em seu artigo "Prescriptive marriage systems" (1965), reforça as críticas de seu orientador, Rodney Needham, em uma polêmica com Lévi-Strauss a respeito de trechos de *As estruturas elementares do parentesco* (1949). Dessa vez, Lévi-Strauss concentra todos os seus argumentos contra Needham no prefácio da segunda edição do referido livro, limitando-se a responder a Maybury-Lewis em uma nota de rodapé. Muitos acreditam que foi esta polêmica que chamou a atenção de Harvard para o jovem antropólogo britânico, o que o levou a uma rápida contratação.

Foi também nos anos 1960 que o jovem Roberto Cardoso de Oliveira se destacou na comunidade antropológica brasileira ao fazer uma crítica à teoria da aculturação, desenvolvida por antropólogos norte-americanos entre os anos 1930 e 1950, teoria esta que era integralmente aceita pelos mais importantes antropólogos brasileiros da época, como Darcy Ribeiro, Eduardo Galvão, Egon Schaden e Herbert Baldus. Foi então que, a partir dessa crítica, Roberto formulou a teoria da fricção interétnica, nome que deu "ao contato entre grupos tribais e segmentos da sociedade brasileira, caracterizado por seus aspectos 'competitivos' e, no mais das vezes, 'conflituais', assumindo esse contato proporções 'totais', isto é, envolvendo toda a conduta tribal e não tribal que passa a ser moldada pela 'situação de fricção interétnica'". Nos últimos anos, Roberto sempre reclamava do fato de ser sempre citado como o autor da teoria da fricção interétnica, que de certa forma ofuscava os excelentes trabalhos que produziu posteriormente sobre identidade e etnicidade.

Em 1971, convidado por David e graças a uma bolsa da Fundação Ford, Roberto passou um ano na Universidade de Harvard como pesquisador associado, utilizando-se da excelente Widener Library para estudar questões relativas à identidade étnica. Retornou a Harvard para mais dois períodos, como *visiting scholar*, em 1983 e 1986. Ao regressar ao Brasil, em 1972, transferiu-se para a Universidade de Brasília com a incumbência de criar o Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.

Enquanto isso, em Cambridge, David e Pia criaram a Cultural Survival, uma organização não-governamental com a finalidade de defender os direitos das populações indígenas em todo o mundo. De fato, esta instituição, a primeira do gênero nos Estados Unidos, apoiou projetos de assistência a populações indígenas das Américas, da Europa, da Ásia e da África.

Em função desse trabalho, David e Pia receberam, em 1988, o American Anthropological Association's Distinguished Service Award. David foi também homenageado com o Anders Retzuis Gold Medal of Swedish Society of Anthropology and Geography, em 1998.

No Brasil, durante os anos 1970, as populações indígenas brasileiras estavam seriamente ameaçadas por uma política desenvolvimentista do governo militar. A comunidade antropológica mobilizou-se em sua defesa. Roberto destacou-se por numerosos artigos na imprensa, participações em mesas redondas, conferências, o que lhe valeu o seu fichamento por órgãos de segurança nacional. Anos mais tarde, em função de sua atividade em defesa das populações indígenas desde os tempos de SPI, foi agraciado com o International Award for the Promotion of Human Understanding, concedido em 1978 pela EAFORD, entidade de direitos humanos sediada em Londres.

Nas duas últimas décadas do século XX, Roberto ocupou importantes cargos em diversas associações científicas: em 1983 foi eleito vice-presidente da International Union of Anthropology and Ethnological Sciences, cargo que ocupou até 1988. Foi eleito presidente da Associação Brasileira de Antropologia para o biênio de 1984-1986 e presidente da Associação Latino-americana de Antropologia de 1993 a 1997.

Graças à teoria da fricção interétnica, Roberto tornou-se muito conhecido em toda América hispânica. Participou de muitos e importantes eventos relacionados ao Instituto Interamericano de Indigenismo. Criou fortes ligações acadêmicas com os principais pesquisadores mexicanos, como Gonzalo Aguirres Beltran, Rodolfo Stavenhagen, Guilherme Bonfil Batalha e Arturo Warman. Por duas vezes foi professor visitante no México, em 1973 e 1979. Este relacionamento com o mundo hispânico ampliou-se quando estabeleceu contato com a Universidade Autônoma de Barcelona, graças a um convite de Claudio Esteva Fabregat, responsável pelo ressurgimento da antropologia espanhola após o fim da ditadura de Franco. Em sua permanência na Espanha, desenvolveu uma pesquisa sobre a identidade catalã.

Em 1985, transferiu-se para a Universidade Estadual de Campinas, onde desempenhou um papel importante na criação do doutorado em ciências sociais. O período que permaneceu em Campinas foi de alta produtividade científica. Além de orientar sete teses de doutorado, escreveu seis livros.

No final dos anos 1980, David participou de uma série produzida pela televisão americana que visava demonstrar a validade do multiculturalismo. Para isto, empreendeu uma viagem à volta do mundo, visitando dez povos que ainda guardam os seus costumes tradicionais. Esteve entre os Gabra, no norte do Quênia; os Dogon, em Mali; e os Wooddabe, na Nigéria. Na

América, visitou os Navajo, nos Estados Unidos; os Huichol, no México; os Makuna, na Colômbia; e, como não poderia deixar de ser, os Xavante, no Brasil. Na Ásia, escolheu os Nyimba, no Nepal; e os Weyewa, na Indonésia. Finalmente, visitou os Aborígenes, na Austrália. Esta série resultou na publicação de um livro: *Millenium. Tribal wisdom and the modern world* (1992). Não resta dúvida de que, com este projeto, David rompeu os muros da academia e passou a ter uma ampla projeção entre o grande público.

Em 1990, Roberto aposentou-se na UNICAMP, onde ainda permaneceu um tempo como pesquisador associado. Mas em 1995 ele retornou definitivamente para Brasília, desta vez para o Centro de Pós-graduação e Pesquisa da América Latina e Caribe. Jocosamente, explicava esta escolha com a frase: “nunca volto ao lugar do crime”. No CEPAC desenvolveu uma linha de pesquisa denominada “Estudo Comparativo em Regiões de Fronteira na América Latina sobre o tema da Identidade, Etnia e Nacionalidade”, que resultou na orientação de oito teses de doutorado. Nesse período, RCO retomou alguns temas mais ligados à sua formação como filósofo: moral e ética são dois conceitos que aparecem com mais frequência em seus trabalhos.

Como vimos, David e Roberto desenvolveram na juventude uma amizade que durou para sempre. Em vários momentos de suas carreiras acadêmicas ocorreram fortes convergências. Tinham muitas coisas em comum e obviamente as suas diferenças. Roberto, mesmo morando a maior parte de sua vida fora de São Paulo, não deixou de ser um paulista. À primeira vista, demonstrava uma personalidade cerimoniosa que afastava algumas pessoas. Mas sabia muito bem combinar lealdade e generosidade para os que dele se aproximavam. David era mais dionisíaco. Gostava de dedilhar um violão e cantar canções brasileiras que aprendeu com facilidade. Nos momentos adequados, agia britanicamente, reforçando o seu acento oxfordiano, principalmente quando dirigia os seus seminários em Harvard.⁴ Nas notícias referentes à sua morte, foram comum os destaques à sua capacidade como orador, o seu senso de humor e, sobretudo, a sua simpatia.

Entre o muito que tinham em comum situa-se o reconhecimento pelo que fizeram pela Antropologia brasileira, por isto ambos foram agraciados pelo governo brasileiro com a Gran Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico.

No espaço de um ano, perdemos nossos dois colegas. Sou grato a ambos pelos seus ensinamentos e por suas amizades.

Notas

¹ Falava fluentemente nove línguas, incluindo xavante e xerente.

² Os seis primeiros estudantes foram Alcida Ramos, Edson Soares Diniz, Hortência Caminha, Onídia Bevenuto, Roberto Augusto DaMatta e Roque de Barros Laraia. Para uma narrativa mais detalhada deste curso, conferir Laraia (2008).

³ DaMatta e Melatti participaram mais integralmente do projeto, pois estudavam grupos Jê.

⁴ De fato, recordo-me agora, após uma observação de Mariza Peirano, de que em Cambridge David fazia questão de adotar uma postura mais formal. Afinal, como antropólogo, ele sabia que “em Roma dançamos como os romanos”.